

ATOS SOMBRIOS

AMOSTRA

CHLOE GONG

ATOS
SOMBRIOS

TRILOGIA CORPOS E FALSOS DEUSES

LIVRO 2

TRADUÇÃO DE GIOVANNA CHINELLATO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

Atos Sombrios

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 CHLOE GONG

ISBN: 978-85-508-2540-3

Translated from original Vilest Things. Copyright © 2024 by Chloe Gong. ISBN 9781668000274. This translation is published and sold by arrangement with Triada US, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

G635a

1.ed. Gong, Chloe

Atos sombrios / Chloe Gong ; tradução Gioavanna Chinellato. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.

384 p. ; 13,5 x 21 cm.

Título original: Vilest things.

ISBN 978-85-508-2540-3

1. Ficção de fantasia. I. Chinellato, Giovanna.
II. Título.

04-2025/85

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura inglesa 823

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutús
Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano
Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Gioavanna Chinellato
Copidesque: Sara Orofino
Revisão: Ana Beatriz Omuro
Diagramação: Joyce Matos



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



ASSOCIADO



*Para o d.a.c.u.,
Christina Li, Racquel Marie, Tashie Bhuiyan, Zoe Hana Mikuta.*

Vocês sabem por quê.

AMOSTRA

Abalados, amigos?

Que me condenem os deuses, mas estes relatos

Fazem inundar até os olhos de soberanos.

— SHAKESPEARE, *ANTÔNIO E CLEÓPATRA*

TALIN

FRONTEIRA

RINCUN

YOULIA

ACTIA

XIMILI

MEANNIN

LAHO

EDISO

LANKIL

JANTON

RIJINZA

KELITU

DAOL

LESA

PASHE

CIREA

GAIYU

YINGU

DACIA

EIGI

MURATHA

SAN

ER





1

ANTES

O poder tem certo sabor. Um tempero quente e dourado que desce pela garganta e deixa apenas fumaça pelo caminho, como carne grelhada ou licor envelhecido. Algo para acalmar o corpo, acalantar o coração. É a resposta para todo tipo de fome, um luxo viciante que exige pouco acompanhamento, só um bálsamo para ocupar cada espacinho que encontrar.

O poder também tem certo sabor quando volta à boca. E Anton Makusa não o considera muito agradável.

Ele inspira com esforço, lutando para manter o estômago sob controle. Os guardas dentro da sala do trono espiam por entre as cortinas bordadas douradas e o chamam, preocupados, mas Anton limpa a boca e os dispensa com um aceno. Sua vista falha, fica duplicada. Sua pele grita de puro sofrimento. Seu *qi* é ao mesmo tempo grande demais para este corpo e muito desalinhado para encaixar no molde. O último minuto de sua existência tenta escapar da compreensão. Ele se esforça a um nível inacreditável para manter a consciência, agarrar-se à vida. Lembranças que lhe pertencem e que não lhe pertencem piscam à frente dos olhos. Ele foca as mãos, e a imagem treme. Está lavando sangue. Escrevendo com tinta antiga.

Então, de súbito, a dor ameniza. Embora a náusea continue, seu corpo permanece intacto. Ele retoma o foco do ambiente. Uma

guarda sai à sacada e pergunta se ele gostaria de ajuda para entrar, e Anton lança seu olhar para além do parapeito, incrédulo.

Não sabe exatamente como o fez, mas fez. A guarda o chama de novo, os olhos desviando para a sujeira no chão onde Anton esvaziou o estômago, e ele ergue uma das mãos para impedi-la, mal contendo outro calafrio. Talvez só esteja enjoado pela imagem repulsiva lá embaixo. A Princesa Calla Tuoleimi, jogadora Cinquenta-e-Sete, acabou de ser declarada a vencedora dos jogos anuais do rei, após matar seu último oponente. O alto-falante continua urrando o resultado: *uma batalha decisiva... o Juedou chega ao fim... o último competidor está morto...* E, mesmo que feche os olhos, Anton não consegue apagar aquela imagem. Seus momentos finais na arena tentam se fundir às memórias mais recentes de August: Calla, atraindo-o para perto; o conselho, reunido tarde da noite na sala de guerra; Calla, com a testa apoiada em seu ombro; uma andorinha, cravada no lacre de cera de um envelope antes de o papel ser aberto; Calla, Calla, *Calla...*

— Estou perfeitamente bem — diz Anton. A voz é estranha. A voz é familiar. Seus olhos se abrem, e o mundo toma forma. Seu corpo anterior está de barriga para baixo no chão da arena. Imóvel, sangrando, mesmo que o jogador Oitenta-e-Seis esteja morto. — Perdoe-me. Isso é muito repugnante.

Pedir perdão já é o suficiente para deixar a guarda desconfortável, e ela recua para a sala do trono, obediente. Anton não sai da sacada — ainda não. Corre os olhos pela arena e observa os milhares e milhares de espectadores pressionando com força as cordas que limitam o espaço. Quando sua mão se fecha ao redor do guarda-corpo, os nós de seus longos dedos estão lisos como mármore, os anéis de prata cravando entalhes na pele.

Há um escudo com brasão nas paredes de pedra da sacada. Sua mera existência consciente é prova de que ele foi bem-sucedido em sua fuga, e passou despercebido por incontáveis testemunhas. Embora saiba o que fez, ainda está estupefato quando se inclina para a frente, quando o metal do escudo reflete uma mecha de cabelo loiro, penteado e arrumado sob uma coroa. Este é o rosto de August

Shenzhi. O corpo de August Shenzhi. A única diferença está em seus olhos pretos, que capturam a luz com um brilho roxo em vez de azul. Os olhos de Anton.

O delírio o atinge. Uma risada explosiva escapa, e Anton mal percebe que é ele mesmo quem ri até seu reflexo se mexer também — *é você que está fazendo esse som. Não tem mais ninguém na sacada da sala do trono. É você que está vestindo essas roupas de seda, vestindo o corpo do próprio príncipe.*

Há uma distância incrível entre onde ele estava na arena e onde August assistia. Mesmo assim, ele saltou, sem ter August à vista, sem emitir aquele evidente clarão de luz. Não resta indício algum do que Anton fez exceto a poça de sangue no centro do coliseu, intoxicada com o *qi* que ele tomou do corpo anterior enquanto morria para impulsionar seu salto. Um experimento amador.

Anton cerra os punhos às costas. As mangas de August farfalham com o gesto, o azul-claro limpo e perfeitamente imaculado. Ninguém lá embaixo se dá ao trabalho de observá-lo com atenção neste momento, principalmente quando Calla está sendo conduzida até a saída pelos guardas, diretamente para o Palácio da União. Ele a observa com frieza, esperando uma demonstração de arrependimento ou um sinal de que *matá-lo* a afetou, mas ela desaparece de vista sem olhar para trás, os passos firmes.

Ele ousou acreditar que poderia ter terminado diferente, mas esse foi o seu erro. Pode ser que seja pego nos próximos minutos; pode ser que consiga manter a farsa para sempre. Uma opção não é mais provável do que a outra já que um fenômeno tão invasivo foi alcançado antes, e, assim que Calla agir, aquele trono será dele. Deveria ser impossível. No entanto...

No entanto...

— Você é fraco! — exclama Anton em voz alta.

Ele ergue o braço, acenando para a audiência na arena, e metade dela acena de volta na mesma hora, convocada pelo gesto. Ele achou que ninguém notaria, mas é claro que notam. Um choque lhe percorre as vértebras, tão forte a ponto de ele quase procurar um ferimento físico. Está lentamente compreendendo as implicações do

que fez. Linhagens reais e nobres têm sido preservadas há séculos com a crença de serem favorecidas pelos deuses. August Shenzhi nasceu August Avia. Por mais que tenha tentado escapar, não tem como fugir disso.

— Por favor, por favor, conttenham seus aplausos — sussurra Anton, virando de costas.

Palavras remanescentes de uma outra vida que viveu muito tempo atrás. Desta vez, realmente há aplausos acompanhando sua saída: incontáveis olhos sobre seus gestos e a ciência de que tudo o que proclamar daquela varanda será considerado lei. Anton endireita os ombros, alisa suas vestes. Os guardas se assustam quando ele entra de supetão na sala do trono, as cortinas flutuando dos dois lados da porta. Embora eles se adiantem depressa, Anton não diz nada. Não ainda. Teve poucos motivos para entrar na sala do trono quando ali ainda era o Palácio da Terra e ele morava em outra ala. As paredes de veludo vermelho cintilam. Pilares dourados sustentam o teto alto, com entalhes dos antigos deuses de Talin. Enquanto caminha, lentamente absorvendo o novo cômodo, seus sapatos afundam nas tramas verde-escuras do carpete peludo e macio. Um homem mais esperto pediria para abrirem o cofre, pegaria o que pudesse e fugiria enquanto houvesse tempo.

— A sala de guerra — declara em vez disso. — Vamos.

Os guardas reais devem ter achado o pedido estranho. Um deles dá um passo à frente — olhos laranja, então não é um Weisanna —, e diz:

— Vossa Alteza, sua presença é esperada no banquete. Está para começar.

— Eu sei.

Anton conclui que há algo diferente no palácio. Faz anos desde que esteve ali dentro pela última vez, mas sua memória do restante da arquitetura não falha. O exílio é solitário. Imperdoável. Havia pouco a se fazer nas noites mais silenciosas, e ele desenvolveu o hábito de visualizar aqueles cômodos em sua mente, de fingir que tinha pilhas de objetos valiosos à sua disposição em vez de outra refeição precária de um único ovo frito quando acordasse de manhã.

— Vossa Alteza?

Anton já está a caminho apesar da insistência do guarda, descendo apressado os poucos degraus e tomando cuidado para não tropeçar quando o piso se torna irregular. Ele passa pelos nobres à porta e se esgueira pela movimentação agitada, ignorando os cumprimentos surpresos, os olhares curiosos. É tarde. Interesseiros devem ter ficado à espreita, aguardando para acompanhá-lo ao banquete a fim de conseguir favores. Agora piscam, confusos, conforme ele caminha depressa no sentido contrário. Os guardas reais são ágeis em dispersar os nobres que aguardam, prometendo que “sua Alteza logo estará no jantar, se puder fazer a gentileza de se dirigir ao seu lugar...”.

Anton não para.

Do lado de fora da porta da sala de guerra, dois guardas prontamente dão passagem ao vê-lo. Ele pede que fiquem ali, próximo aos guardas reais que o seguiram da sala do trono, e fecha a porta atrás de si antes que qualquer um deles possa responder. Aplausos soam de algum lugar distante. As multidões devem estar se dispersando após a batalha na arena, aproximando-se do palácio na expectativa de ter um vislumbre do banquete ou ganhar sobras ao final.

Anton cerra os dentes com força e vai direto até os arquivos na parede oposta. As fronteiras de Talin têm estado em paz no último século, protegendo o interior do reino de conflitos, mas a sala de guerra é usada com frequência, considerada o centro das questões do palácio. Os dedos dele traçam a superfície da mesa ornamentada à esquerda, percorrendo a textura rústica e trombando com as xícaras de chá que ainda não foram recolhidas. Ele abre a primeira gaveta que vê, puxando ao máximo até a ferragem retinir e sinalizar o seu limite. Uma nuvem de poeira sobe conforme ele dedilha as abas e lê depressa cada uma. *Roubo, Assalto, Invasão de Propriedade, Uso de Armas, Medidas Protetivas...*

Ele fecha a primeira gaveta com um baque. Apenas violações mínimas dentro de San-Er. Não é o que procura. Anton corre os olhos por toda a sala, pensando onde armazenariam a informação de que precisa. Em vez de telas e máquinas, a sala de guerra é tomada por

prateleiras de livros grossos. As paredes estão cobertas por mapas com bordas enroladas, amarelados pelo tempo. Alguém fechou as cortinas pesadas até metade da janela, mas há um vão aberto o suficiente para permitir que a luz elétrica de fora ilumine seu caminho.

Anton tenta o arquivo seguinte. Ali, as abas dividem as diferentes províncias de Talin em ordem de proximidade à capital. *Eigi, Dacia, Cirea, Yingu, Pashe, Daol...*

Ele também fecha essa gaveta. Puxa a seguinte. Posição dos funcionários no palácio. Próxima. Propriedades adquiridas pelo conselho.

— *Onde está?* — murmura, ainda sentindo aquele ácido na língua.

Quando se abaixa para abrir uma gaveta na altura de seu joelho, situada entre dois vasos com plantas sem poda, ele finalmente encontra abas com os sobrenomes dos aristocratas em ordem alfabética. *Makusa* está perto do fim, uma pasta mais grossa do que todo o resto.

Anton a encara. Uma mecha de cabelo cai sobre seus olhos, dourada e fina como um raio de sol transformado em fio de seda. Ele a afasta do rosto, mal resistindo à urgência de arrancá-la direto do couro cabeludo.

— Vossa Alteza? — Um guarda bate à porta. — Precisa de ajuda?

— Não — responde Anton, breve.

Não é como se August fosse responder de maneira mais gentil ou ser mais empático. A evidência disso está à sua frente, dentro da pasta em suas mãos.

— Eu ajudaria se pudesse — dissera August, quando aquele lugar ainda era o Palácio da Terra, quando Anton praticamente vivia nos salões de treinamento, jurando vingança sobre os agressores que mataram seus pais. — Se houvesse algum recurso no palácio que eu pudesse usar, eu usaria. Mas o palácio sabe muito pouco. Essas pessoas estão completamente alheias ao nosso controle.

Anton folheia as páginas do arquivo. Corre os olhos pela árvore genealógica, pelos diferentes relatórios que registram quando cada

um de seus parentes nasceu e quando cada um deles morreu, pelos gráficos que mostram outras famílias nobres que tinham laços consanguíneos com os Makusa.

Na última folha, ele finalmente encontra o que procura.

Anton Makusa: depósito 345, ala norte.

Depois que Otta caiu doente e Anton sofreu sozinho as consequências do crime deles, o palácio confiscou seu corpo de nascerença como punição. Foi um verdadeiro exílio, lançado às cidades sem qualquer ligação com sua vida anterior. Ele sempre soube que haviam enfiado seu corpo em algum lugar do Palácio da União; só não sabia onde. A localização foi mantida em sigilo de propósito, para evitar que Anton tentasse recuperá-lo. O membro do conselho que proferiu o veredito de sua sentença prometeu que o palácio tomaria conta de seu corpo, e que talvez o devolvessem um dia, caso ele cumprisse a pena sem causar problemas. Anton está quase surpreso por terem mantido a palavra. O palácio tem uma fachada de valorização da nobreza — de acordo com sua própria lei, os corpos de linhagens aristocráticas nunca devem ser destruídos —, mas ainda assim ele suspeitava que descartariam o seu depois de alguns anos, simplesmente porque podiam. Todos os outros Makusa já haviam morrido. Anton era o último que restava até que o palácio pudesse varrer aquele arquivo todo para debaixo do tapete, espanar as marcas de poeira e fingir que eles nunca existiram. Tão limpo, tão preciso.

— Você não pode pedir ao Kasa para mandar gente? — perguntara Anton. — Fala sério, August, ele é o *rei*. Ele tem controle total sobre Kelitu. Pode enviar guardas para investigar. Alguém naquela província deve saber quem fez isso.

August sempre fora o racional entre eles, e Anton o que subia a voz em encenações exageradas. Os adultos do palácio gostavam de escutar o príncipe.

— Ele tentou — respondera August, impassivo. Durante todos os anos em que foram amigos, Anton nunca aprendeu a distinguir suas mentiras das verdades. Que outra escolha tinha senão acreditar todas as vezes? — Vai por mim, eles não encontraram nada.